

**GUSTAV
MAYER**

FRIEDRICH ENGELS

UMA BIOGRAFIA

TRADUÇÃO
PEDRO DAVOGLIO

APRESENTAÇÃO E NOTAS
JOSÉ PAULO NETTO



© Boitempo, 2020

Traduzido da edição inglesa *Friedrich Engels: A Biography*

(trad. Gilbert e Helen Highet, org. R. H. S. Crossman, Londres, Chapman & Hall, 1936)

<i>Direção-geral</i>	Ivana Jinkings
<i>Edição</i>	Tulio Kawata
<i>Tradução</i>	Pedro Davoglio
<i>Revisão técnica</i>	João Quartim de Moraes
<i>Coordenação de produção</i>	Livia Campos
<i>Assistência editorial</i>	Carolina Mercês
<i>Preparação</i>	Maísa Kawata
<i>Revisão</i>	Sandra Kato
<i>Capa</i>	Maikon Nery
<i>Diagramação</i>	Nobuca Rachi

Equipe de apoio Artur Renzo, Débora Rodrigues, Dharla Soares, Elaine Ramos, Frederico Indiani,
Higor Alves, Ivam Oliveira, Kim Dória, Luciana Capelli, Marina Valeriano,
Marissol Robles, Marlene Baptista, Maurício Barbosa, Pedro Davoglio, Raí Alves,
Thais Rimkus, Tulio Candiottto

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária – CRB-7/6439

M421f

Mayer, Gustav, 1871-1948

Friedrich Engels : uma biografia / Gustav Mayer ; tradução Pedro Davoglio. – 1.ed. –
São Paulo : Boitempo, 2020.

Tradução de: *Engels: A Biography*
Inclui índice

ISBN 978-65-5717-025-0

1. Engels, Friedrich, 1820-1895. 2. Comunistas – Biografia. I. Davoglio, Pedro. II. Título.

20-66295

CDD: 920.93354

CDU: 929:330.85

É vedada a reprodução de qualquer
parte deste livro sem a expressa autorização da editora.

1ª edição: novembro de 2020

BOITEMPO EDITORIAL
Jinkings Editores Associados Ltda.
Rua Pereira Leite, 373
05442-000 São Paulo SP
Tel.: (11) 3875-7250 / 3875-7285

editor@boitempoeditorial.com.br | www.boitempoeditorial.com.br
www.blogdaboitempo.com.br | www.facebook.com/boitempo
www.twitter.com/editoraboitempo | www.youtube.com/tvboitempo

V

ESTUDOS POLÍTICOS E SOCIAIS NA INGLATERRA

Ao se mudar para a Inglaterra, Engels libertou-se da atmosfera de disputas puramente teóricas que o cercava em Berlim sem satisfazer seu impulso para a ação. Ele ficou impressionado com a realidade e a seriedade das lutas políticas e sociais que abalavam a Inglaterra industrializada. Encheu-se de inveja e admiração ao ver que todo bom inglês lia um jornal diário, participava de reuniões, pagava uma filiação em alguma organização – enquanto a Alemanha estava mergulhada “em um estado de apatia primeva”. Deve ter considerado uma grande sorte poder mergulhar nesse mundo de política livre e ativa.

À época de sua chegada, ele seguia influenciado pela concepção de Hess das três revoluções das quais dependia o progresso da humanidade. Acreditava que a Inglaterra deveria dar à humanidade a revolução social: a revolução social que retomaria e transcenderia a revolução filosófica alemã e a revolução política francesa e as reuniria em uma unidade superior. Ele esperava que os desenvolvimentos políticos da Inglaterra cumprissem seu ideal de progresso humano. Com essas convicções, não poderia olhar para os eventos com isenção. De certo modo, tinha a conclusão pronta antes de inspecionar os fatos. Desde o momento em que deixou o navio, só tinha olhos para os sinais de aproximação da revolução. Ele abandonara suas ideias exageradas sobre o valor da razão abstrata, mas ainda mantinha “uma boa dose de arrogância filosófica”. Essa “arrogância” foi suficiente para mantê-lo afastado dos estreitos ideais do comunismo igualitário que distinguiram os líderes dos revolucionários da classe trabalhadora alemã em Londres. Joseph Moll, Heinrich Bauer e Karl Schapper foram “os primeiros proletários revolucionários” que Engels conheceu: eram “três homens de verdade”, e ele próprio “agora tinha vontade de se tornar um homem”. Eles lhe causaram uma impressão indelével; no entanto, Engels sentiu que não deveria, por enquanto, se inscrever na Liga dos Justos.

A crença ingênua que esses homens tinham em direitos naturais lhe pareceu peculiar; mas, com base nos ensinamentos de Hegel, ficou ainda mais surpreso com o “empirismo insistente” que notou em todas as conversas com seus conhecidos ingleses. Ele estava pronto e disposto a admirar a amplitude da vida social e política britânica; portanto, ficou ainda mais deprimido com a descoberta de que os britânicos não possuíam a formação filosófica mais elementar. Quando viu como se apegavam às realidades tangíveis e ignoravam os princípios que as condicionavam, começou a sentir que eles não podiam ver a floresta porque as árvores atrapalhavam. Engels ficou surpreso com esse “empirismo rude”. E não ficou menos atônito com a antiquada devoção da burguesia britânica. Ele achou incrível que os ingleses instruídos continuassem acreditando em milagres e que até os cientistas deturpavam os fatos da ciência para evitar insultos diretos ao mito da criação.

O impacto dessas descobertas feitas em suas primeiras semanas na Inglaterra o fez refletir constantemente sobre a relação entre forças materiais, políticas, sociais e espirituais, o principal problema do que mais tarde seria sua filosofia da história. Obviamente, ele não tentou forçar todos os eventos e possibilidades históricos para caberem em um único padrão. Mas estava impaciente para descobrir a relação entre essas forças na terra onde estavam suas principais esperanças de revolução. Enquanto a necessidade dialética de sua conexão não estava absolutamente clara para ele, Engels permaneceu fiel a sua antiga perspectiva filosófica e sentiu-se desconfortável ao observar como os fatores ideais estavam subordinados aos materiais e como os princípios prestavam homenagem aos fatos. No entanto, o mundo ao seu redor era um exemplo flagrante dessa verdade simples. Em Manchester, era diariamente obrigado a ver que as condições econômicas exercem a influência decisiva no mundo moderno, que é delas que surgem as oposições de classe, e que, em países onde grandes indústrias se desenvolveram (especialmente na Inglaterra), essas oposições de classe ditam a composição dos partidos políticos, a natureza dos conflitos entre eles e, portanto, toda a história política. Engels admitiu esses fatos lenta e relutantemente. Tinha que reconhecer que, na Inglaterra, o progresso dependia não do choque de princípios, mas do conflito de interesses; mas ainda estava longe de transformar esse caso individual em uma filosofia da história. Ele foi além da inferência de que interesses econômicos estavam levando à revolução e de que, a partir desses interesses, deveriam necessariamente se desenvolver princípios em um estágio posterior.

Engels apreciava uma discussão vigorosa. Ficou impressionado com a longa tradição de discussões fundamentadas que prevalecia entre as classes médias inglesas. Mas se irritava com a fria incredulidade com que o inglês prosaico recebia suas convicções de que a revolução era inevitável. Ele apresentou todo tipo de argumento contra a convicção universal de que o sistema político inglês era

elástico o suficiente para assimilar, sem perturbações vitais, a mudança que estava sendo lançada sobre ele.

Embora desejasse ver as condições políticas e sociais inglesas em suas tonalidades mais escuras, não deveria ter apoiado as queixas de Richard Cobden e John Bright. Ele vinha da Prússia e, mesmo assim, escreveu na *Gazeta Renana* que a liberdade inglesa era despotismo e que o feudalismo era mais poderoso lá do que no continente. Engels sempre estava inclinado a ver as coisas de uma maneira ampla e simples. Não respeitava a complexidade e a desordem aparente de um sistema com uma longa história de desenvolvimento. Consequentemente, viu no direito inglês apenas uma série de promessas confusas e contraditórias. Para ele, a Câmara dos Comuns era um corpo eleito pela corrupção, afastado do povo e impotente para influenciar o governo em questões de princípio. Só quando começou a estudar a história constitucional inglesa passou a ver muito disso de maneira mais favorável. Por fim, pôde reconhecer o que era fato – que a Inglaterra possuía muito mais liberdade de imprensa e de reunião do que qualquer outra nação da Europa e, dentro de certos limites, uma regulamentação liberal do direito de livre associação. Mas é fácil ver como ele estava relutante em admitir isso. Na primavera de 1844, pouco tempo antes de retornar ao continente, escreveu um relato sobre “A condição da Inglaterra”. Culminava na afirmação de que a Inglaterra contemporânea era escravizada pelo preconceito de classe e que seu sistema legislativo, administrativo e judicial era permeado pelo espírito das classes dominantes.

Havia tempo que era um segredo de polichinelo na Inglaterra que a oposição entre *whigs* e *tories* escondia um conflito entre capital financeiro e propriedade imobiliária. Essa era a primeira vez que Engels podia examinar um sistema partidário bem desenvolvido. Ele fez isso a partir de preconceitos que lhe foram impostos pelas lutas partidárias puramente filosóficas e teológicas da Alemanha. Mas descobriu a enorme influência das condições sociais e econômicas na política inglesa. Com seu estudo da história inglesa, ele compreendeu sua própria época. A Lei da Reforma de 1832 tinha transferido aos liberais o poder parlamentar nos eleitorados das grandes cidades e na maioria dos distritos industriais. Mas, no interior e na maioria das cidades pequenas, o poder da aristocracia permaneceu intacto. A princípio, Engels pensou que os *tories* eram o mesmo que os nobres prussianos. Mas seu ódio natural pelos industriais liberais o levou a pensar neles como um mal menor. Ao mesmo tempo, prestou homenagem ao pequeno grupo de filantropos *tory*, seguidores de Ashley e Disraeli, porque defendiam as classes trabalhadoras da exploração por seus empregadores. Embora considerasse que esses “românticos” estavam mirando a Lua, elogiou a coragem com que eles se opunham aos preconceitos de sua classe. Engels concordava com os *whigs* em algumas questões importantes; mas os repudiava por vê-los como, essencialmente,

o partido típico dos empregadores. E logo percebeu que os operários que prestavam em grande número seu apoio ao liberalismo deveriam criar um partido separado para si o mais rápido possível.

Agora Engels estava estabelecido em Manchester, o berço da Liga Contra a Lei dos Cereais e centro da agitação pelo livre comércio. Lá, ele imediatamente voltou sua atenção aos novos problemas: ficou ansioso por revelar “a contradição latente na ideia de um Estado industrial”. Mas previa um futuro sombrio para a hegemonia industrial da Inglaterra. As fábricas francesas, belgas e especialmente as alemãs já estavam entrando em concorrência com as inglesas na produção em massa e as arruinariam assim que a Inglaterra abandonasse a barreira tarifária que estava destruindo suas finanças. Seus mercados europeus já estavam perdidos. As fábricas inglesas ainda tinham mercados na América e nas colônias, mas mesmo a América não era mais confiável, e as colônias não podiam importar o suficiente para salvar a Inglaterra. A competição alemã pelos mercados mundiais se fortalecia todos os dias, pois a produção era barata na Alemanha, ao passo que na Inglaterra a barreira tarifária elevava os preços e os salários a um patamar desproporcional. As “enormes” agitações contra as leis dos cereais causaram uma profunda impressão em Engels, mas seu interesse no movimento pelo livre comércio foi limitado por suas expectativas de revolução. Julgava necessário que os cereais estivessem isentos de impostos de importação, mas considerava igualmente necessário que o governo conservador fosse abolido, “pacificamente ou à força”. Profetizou corretamente que Peel seria obrigado a iniciar a abolição dos impostos sobre os cereais. Mas, tanto de Peel quanto dos liberais, ele não esperava mais do que uma “legislação de *juste-milieu*”. Somente os cartistas e o pequeno grupo radical defendiam resolutamente a abolição total das tarifas – ele nos deixou uma imagem vívida de sua fúria contra os que lucravam com alimentos. Na verdade, Engels estava convencido de que esse conflito levaria à revolução pela qual esperava tão impacientemente. Considerou fora de questão que a aristocracia se renderia mais uma vez por sua própria vontade, como havia feito na aprovação da Lei da Reforma. Dessa vez, esperava, eles permaneceriam firmes “até que a faca estivesse na sua garganta”.

Engels viu o domínio da aristocracia ser atacado não apenas pela agitação industrial, mas também pelos arrendatários de terras. Os propagandistas opositores às leis dos cereais tinham tentado convencer os agricultores arrendatários de que seus interesses eram contrários aos dos proprietários de terras. Engels convenceu-se de que a emancipação política dos arrendatários de terras significaria o desaparecimento da maioria conservadora na Câmara dos Comuns. Ele estava agradecido aos membros da Liga Contra a Lei dos Cereais por fazerem sua parte para abolir o domínio *tory* nos distritos do interior. Mas perdeu toda a simpatia pela Liga quando ela entrou em conflito com a Associação Cartista Nacional,

como ocorreu em Lancashire em 1843. Imediatamente, passou a pensar nela apenas como uma associação de magnatas têxteis que tinha como objetivo criar boas condições comerciais para si abolindo as tarifas sobre os cereais. Quando voltou os olhos para os distritos do interior do país, não viu uma oposição entre grandes proprietários de terras e arrendatários, mas entre agricultores e “a classe miserável” dos diaristas.

Agora Engels via o futuro do liberalismo em tons mais sombrios do que alguns meses antes. Em 23 de maio de 1843, no *Schweitzer Republikaner* [Republicano Suíço], ele escreveu: “O reino do *juste-milieu* acabou e o poder dos proprietários de terras atingiu seu zênite”. O proletariado industrial ficou especialmente amargurado com a recusa liberal de apoiar o projeto de lei de Sir James Graham para limitar o horário de trabalho das crianças nas fábricas. Engels frequentou reuniões em Lancashire nas quais os cartistas se opunham aos *whigs* nessa questão. Ele ficou chocado ao ver que a polícia apoiava qualquer industrial liberal que tivesse dificuldades com sua audiência.

Nessa época, na Irlanda, Daniel O’Connell estava agitando os irlandeses pobres desde a fome de 1842. A princípio, parece surpreendente que Engels não o apoiasse tão fortemente quanto o fez Bismarck – que admirava muito O’Connell. Mas Engels rejeitava o fato de as energias revolucionárias do “sutil demagogo” estarem direcionadas apenas aos objetivos “miseráveis e mesquinhos” que inspiravam todo o esforço a favor da revogação legislativa – e não à abolição da miséria humana. Como o *Northern Star* [Estrela do Norte], ele considerava o nacionalismo de O’Connell mera confusão se comparado com os objetivos reais buscados pelos miseráveis destituídos que afluíam para a bandeira do cartismo. Pensava que O’Connell estava aliado aos endinheirados do liberalismo para derrubar Sir Robert Peel. O’Connell não era, então, um democrata convicto. E Engels nunca poderia perdô-lo por alertar seus compatriotas irlandeses sobre os “perigos do socialismo”. Mas sua admiração pelo espírito revolucionário dos seguidores de O’Connell era ilimitada. “Que povo!”, exclamou. “Eles não têm um centavo para perder, mais da metade deles não tem uma camisa sobre as costas, são verdadeiros proletários e *sans-culottes* – e além disso irlandeses –, gaélicos selvagens, ingovernáveis e fanáticos. Ninguém sabe como são os irlandeses a menos que os tenha visto. Se eu tivesse duzentos mil irlandeses, poderia derrubar toda a monarquia britânica.” Por muitos anos, Engels teve intimidade com uma trabalhadora irlandesa chamada Mary Burns. Foi ela quem o apresentou aos círculos proletários em Manchester; e suas relações com ela acrescentaram um calor especial à sua simpatia pelas vítimas irlandesas de “quinhentos anos de opressão” e o deixaram permanentemente interessado em sua salvação.

O clímax do movimento cartista ocorreu no ano da fome de 1842, quando o norte da Inglaterra foi paralisado por uma greve geral, com centro em Manchester.

Quando Engels chegou a essa cidade em dezembro de 1842, os trabalhadores ainda estavam agitados com os eventos da greve. Seu julgamento sobre o caso nos diz algo da atitude que ele trouxe ao estudo do cartismo. Na *Gazeta Renana*, escreveu que um terço, talvez metade, do povo inglês pertencia às classes carentes – as classes criadas pela indústria –, que nunca adquiriram qualquer propriedade, mas estavam aumentando constantemente em número. Quando uma violenta crise comercial as deixou sem comida e sem o básico para viver, não tiveram outro remédio senão a revolução. Embora seu número as tornasse a seção mais poderosa da sociedade inglesa, elas ainda não tinham sentido seu poder. Mas a sublevação de 1842 mostrou que estavam começando a sentir isso. O levante fracassara principalmente porque seu credo e motivação eram impossíveis – uma revolução dentro dos limites legais. Esse erro tinha prejudicado os poderes do proletariado. Depois que suas economias foram gastas, elas voltaram ao trabalho. Mas essas semanas tinham ensinado aos trabalhadores despossuídos que eles poderiam ser salvos apenas pela derrubada violenta das condições desnaturadas que os oprimiam e pela erradicação das aristocracias de sangue e da riqueza industrial. Mesmo que o medo tipicamente inglês da lei os tivesse feito recuar da revolução violenta, o medo ainda maior da fome os empurraria em direção a ela. Engels ansiava pela revolução e, portanto, acreditava que ela estava próxima: sua expectativa era aumentada pelas profecias confiantes dos propagandistas cartistas.

Ele escreveu à Alemanha dizendo que os cartistas sabiam que, “antes da tempestade de uma Câmara dos Comuns democrática, toda a estrutura podre da coroa, dos pares e tudo o mais deve entrar em colapso”. Como Macaulay (que, obviamente, tinha pontos de vista diametralmente opostos), Engels estava convencido de que nenhum governo conservador ou liberal concederia à agitação pacífica uma reforma que entregaria o Estado às massas despossuídas. É por isso que Engels considerava a luta pelo sufrágio universal o prelúdio da revolução social. A crise, pensou, era inevitável: ele poderia profetizar sua época, se não sua hora exata.

O futuro da Inglaterra pertencia à democracia – Engels tinha certeza disso –, mas não seria uma simples democracia política. Os artesãos comunistas alemães havia muito afirmavam na imprensa que a democracia política não era forte o suficiente para realizar a tarefa que o mundo estava depositando em seus ombros. O grande trabalho de Weitling, *Garantien der Harmonie und Freiheit* [As garantias da harmonia e da liberdade], chamava a democracia de base inútil e perigosa para o ainda não realizado princípio da comunidade. O próprio Engels pensava que já havia passado o tempo da democracia definida apenas em contraste com a monarquia e o feudalismo. Acreditava que outra democracia estava por vir – aquela democracia que reconhecia a burguesia e a propriedade como suas

opponentes. Ele percebera que a guerra dos pobres contra os ricos não poderia ser travada no campo da política.

Engels, então, juntou-se aos cartistas. Estava convencido de que o movimento levaria (por vontade própria ou por necessidade) à revolução social; mas ficou, de início, surpreso com o fato de ele contar com tão poucos apoiadores entre as classes educadas. Ainda não entendia que isso se devia a instintos de classe da burguesia detentora de propriedades: Engels pensava que os burgueses não acreditavam que o movimento cartista fosse forte o suficiente. Seu poder discretamente crescente, imaginou ele, seria ignorado pelos burgueses enquanto sua representação no Parlamento continuasse insignificante.

Ele nunca acreditou nas definições que faziam uma distinção fundamental entre socialismo e comunismo; e, agora que tinha se conectado ao movimento trabalhista inglês, não sentia a necessidade de preocupar seus membros com tais distinções. Eles conheciam apenas o cartismo e o socialismo inglês. Nunca tinham ouvido falar do comunismo alemão e mesmo o pensamento socialista francês lhes era estranho. Em todo grande movimento de massas das classes trabalhadoras, a desigualdade de riqueza está constantemente sob discussão. No entanto, faz uma grande diferença se a abolição da propriedade é o principal objetivo de um movimento ou se ela é apenas uma questão de discussão ocasional, enquanto a democracia política é o objetivo real. Este era o caso do cartismo. As reivindicações cartistas estavam baseadas em direitos naturais. Esse argumento é muito adequado para levar as massas a acreditar na justiça de sua causa, mas não pode garantir-lhes a certeza da vitória. Na filosofia do Iluminismo, Engels via apenas o “penúltimo passo para o autoconhecimento e a autolibertação da humanidade”. Ele devotou-se à filosofia dialética – pois via nela um guia até o último estágio da libertação.

Mas na Inglaterra daquela época havia outro movimento socialista, que se opunha a uma questão decisiva do movimento proletário. Ele tinha o selo da genialidade de um homem: Robert Owen.

Engels creditou a Owen todo o processo social efetivo ocorrido na Inglaterra naquela época e por muitos anos depois. Como é sabido, Owen atribuía toda a miséria de sua época à má distribuição da riqueza. Ele não acreditava que a guerra de classes pregada pelo cartismo fosse o meio para vencer essa miséria. Era um otimista inabalável e sempre sustentou que os interesses em guerra deste mundo poderiam ser pacificamente harmonizados. Como Engels, Owen pensava que a era da irracionalidade humana logo terminaria; e ambos chegaram ao socialismo a partir dos mesmos impulsos emocionais. Mas, quanto ao caminho tomado pela história até a realização do socialismo, o filho do Iluminismo e o discípulo de Hegel alimentavam ideias muito diferentes. Engels via a crença idealista de Owen nos direitos naturais como um credo ultrapassado. Ele estava mais interessado no sucesso

prático dos experimentos sociais de Owen. Mas o que mais o impressionou foi Owen ousar retratar “o casamento, a religião e a propriedade como as únicas causas de toda a infelicidade desde o início do mundo”. Ele admirava o socialismo inglês por declarar guerra aberta às igrejas inglesas e o elogiava por ser muito mais prático e mais fundamental do que o credo francês. As reuniões de domingo no Salão da Ciência de Manchester (fundado pelos apoiadores de Owen) atraíam milhares de participantes. Engels foi a muitas delas e ficou enormemente impressionado com a imagem estranha que lhe foi apresentada.

Não temos informações exatas sobre as tarefas das quais Engels estava encarregado na empresa Ermen & Engels em Manchester. Sabemos mais sobre suas atividades fora do escritório: elas são mais importantes para nós, assim como para ele. Com seu vigor, discernimento seguro e desejo natural de encontrar seu lugar, ele abriu mão de suas horas de lazer para se dedicar ao estudo da literatura inglesa da época. Os jornais e revistas que falavam tão livremente sobre assuntos públicos deram-lhe muito material para reflexão. E a leitura cuidadosa da história inglesa o ajudou a formar uma compreensão mais profunda da Inglaterra contemporânea e, assim, uma visão mais clara de seu futuro. Em Bremen, ele fora atraído principalmente por Shelley, por causa de seu ódio à monarquia e ao cristianismo, e começara uma tradução de *Queen Mab*. E agora lia toda a literatura inspirada nos conflitos da época. As obras de Carlyle, os romances de Disraeli, os poemas da sra. Browning e de Tom Hood falavam a ele das vastas convulsões sociais que estavam sacudindo a Inglaterra. Mas as ruas de Manchester eram mais eloquentes do que qualquer literatura.

Ao voltar para casa da Bolsa de Algodão ou de uma expedição às favelas com Mary Burns, ele percebeu que todas as impressões que estava coletando e todos os pensamentos que estava elaborando não poderiam dar frutos a menos que estudasse a ciência da economia política, que estava florescendo na Inglaterra. Até então ele negligenciara esse ramo do pensamento e confiara quase inteiramente na filosofia: mas agora via sua necessidade. Seu espírito sensível ficou muito impressionado com o espetáculo do industrialismo altamente desenvolvido – pois Manchester era a capital industrial do mundo. Desde os primeiros anos, Engels tinha um forte senso de justiça social. Agora, sua nova filosofia da história transformava o que havia sido mera emoção em uma perspectiva científica sobre os problemas atuais. E a nova ciência forneceu uma resposta tão completa a esses problemas que ele sentiu que era imperativo dar expressão imediata a suas emoções sempre que fossem despertadas. Engels tinha uma natureza altruísta e idealista. Teria preferido que a humanidade fosse inspirada por motivos que abolissem todos os conflitos e promovessem a comunidade de espírito. Mas a humanidade não está moldada dessa maneira; e ele tinha uma sede tão insaciável de conhecimento e um olhar tão agudo e resolutivo que preferia ver as coisas como realmente eram.

Vindo de um país mais gentil e paternalista para a cidade materialista de Londres, ficou chocado com “a indiferença brutal, o egoísmo insensível das pessoas, cada uma concentrada em seus próprios interesses privados”. Ali, pela primeira vez, ele reconheceu que o “autointeresse inflexível” era a base da sociedade contemporânea. Em Londres, como nas cidades industriais – “em todos os lugares há indiferença bárbara, busca incansável do próprio interesse de um lado e miséria indizível de outro; conflitos sociais em todos os lugares, uma corrida geral para roubar os semelhantes sob o manto da lei”. A situação do proletariado industrial podia ser vista e estudada em Manchester e nas cidades vizinhas mais claramente do que em qualquer lugar do mundo. A simpatia pelo sofrimento humano e a fome de conhecimento estimularam Engels a estudar a posição da nova classe social. À medida que passava gradualmente a considerar como sua tarefa libertar aquela classe da escravidão, ele sentia cada vez mais que precisava escrever um livro para expressar seu novo conhecimento; pois sabia que nenhum outro alemão formado filosoficamente estava tão familiarizado com o assunto. Não pretendia apresentar uma impressão sobre uma localidade escolhida ao acaso, mas uma análise geral e típica, a partir da qual poderia tirar conclusões positivas. Ele estava começando a conhecer Manchester mais intimamente do que a maioria de seus habitantes. Era um observador talentoso e nunca deixou de coletar material; mas sua primeira estadia na Inglaterra não foi longa o suficiente para permitir que ele organizasse esse material da maneira que planejava.

Estava convencido de que, mesmo na Alemanha, a emancipação da humanidade nunca poderia ser concluída sem a abolição da propriedade privada. Descobriu que os cartistas superestimavam a eficácia dos meios políticos para seus fins; mas tinha certeza de que as circunstâncias os converteriam em breve ao socialismo. Como revolucionário convicto, ele não poderia prever sucesso com as táticas pacíficas do socialismo inglês; tinha certeza de que, na Inglaterra, a revolução social nunca aconteceria a não ser pela força. E assim foi levado a desejar que o cartismo fosse inspirado pelo espírito do socialismo e o socialismo pela energia do cartismo, pois sentia que um movimento era superior em teoria e o outro na prática. Ele tinha esperanças na sua fusão. Lia o *Northern Star* e o *The New Moral World* com igual ânimo e era conhecido dos líderes de ambos os movimentos.

Entre os socialistas, seu principal amigo era John Watts, o alfaiate de Manchester. Watts deu muitas palestras e teorizou muito sobre a existência de Deus. Engels, proveniente das escolas filosóficas alemãs, procurou em vão convencê-lo de que a existência de Deus poderia ser provada por outros meios que não a inferência de fatos materiais. Ele se importava pouco com a questão da existência de Deus, mas estava se exercitando na defesa do princípio dialético, pois Watts não admitiria sua necessidade *a priori*. Entre os cartistas, Engels procurou James

Leach, cujo amplo conhecimento de fatos e saudável senso comum lhe dava muita influência entre os círculos trabalhistas de Manchester. Mas Engels fez uma conexão muito mais importante quando, no verão de 1843, visitou a redação do *Northern Star* em Leeds: lá conheceu George Julian Harney, que dirigia esse importante jornal sob a égide de Feargus O'Connor. Apenas três anos mais velho que Engels, Harney tinha uma carreira política tempestuosa atrás de si. Inicialmente, tinha sido um cartista de esquerda, mas ficara profundamente abalado com o fracasso da greve geral. Embora não tivesse a força inata de William Lovett ou O'Connor, nada de sua influência e nenhuma eloquência comparável à deles, era o único homem entre os líderes de seu movimento familiarizado com as condições políticas e sociais no continente. A impressão que Engels causou sobre ele no primeiro encontro não tinha desaparecido 54 anos depois, quando Engels morreu: "um jovem esbelto, com uma aparência de imaturidade quase infantil, que falava um inglês notavelmente puro e disse estar muito interessado no movimento cartista". Assim Harney o descreveu, acrescentando que, mesmo aos 72 anos, Engels era tão modesto e reservado como quando se apresentou no *Northern Star* aos 22 anos.

Conhecendo Watts e outros socialistas, Engels descobriu que os ingleses não tinham a menor ideia do trabalho de seus camaradas no continente. Por isso, decidiu explicar-lhes a posição do socialismo continental. Em novembro de 1843, publicou um ensaio no *The New Moral World* chamado "O avanço da reforma social no continente". Esse ensaio mostra que Engels achava que, não apenas na Inglaterra, mas também na França e na Alemanha, a sociedade logo sofreria uma transformação revolucionária trazida pela abolição da propriedade privada. Observando que os movimentos sociais em todos esses países estavam, por diferentes caminhos, convergindo para o comunismo, ele se convenceu de que a civilização moderna estava destinada, por sua estrutura, a seguir nessa direção. Uma vez que o objetivo final de todos esses movimentos era o mesmo, as diferenças de opinião entre eles estavam fadadas a desaparecer com o tempo. Mas, como pensava que o estabelecimento de relações amistosas entre seus líderes e seguidores era uma necessidade primordial, Engels sentiu-se na responsabilidade de ajudar em sua formação. Membros individuais do movimento cartista já tinham externado a necessidade de que os proletários de diferentes países se tornassem conscientes de sua comunidade de interesses. Mas foi Engels quem, antes de todos os outros, e mais ansiosamente que todos, dedicou-se à tarefa de unir os "comunistas" dos países da Europa.

Ele desejava abalar a fé inglesa na lei e na ordem. De acordo com isso, tomou a história francesa como testemunho e explicou por que os comunistas franceses eram republicanos, pertenciam a sociedades secretas e não se furtavam a usar a força. Elogiou a polêmica de Proudhon contra a propriedade privada como a

conquista mais importante do comunismo francês, pois Proudhon, disse ele, tinha revelado a verdadeira natureza e as contradições da ideia de propriedade muito mais cientificamente do que qualquer outro escritor. Naquela época, a crença de Engels na “aproximação do colapso do Estado” era fortemente influenciada pelo anarquismo de Proudhon; mas sua crença foi fortalecida por sua nova e surpreendente descoberta da supremacia das forças econômicas sobre as políticas. Ele viu que a propriedade privada era o fator mais importante na história, a questão central de todas as revoluções, consequentemente, não via mais a sociedade como subordinada ao Estado, mas o Estado como subordinado à sociedade. Engels formou a crença (que dali em diante faria parte de sua visão de mundo) de que o Estado não era uma categoria social existente desde sempre ou que deveria permanecer para sempre. Escrevendo no jornal de Owen, lidou principalmente com o comunismo da classe trabalhadora em sua discussão sobre a Alemanha; mas, mesmo ali, disse com grande ênfase que esperava que maiores avanços em direção ao comunismo seriam feitos por intelectuais do que pelos trabalhadores.

Engels viu o vazio moral dos trabalhadores ingleses. E, mesmo assim, esperava que a Inglaterra fosse regenerada exclusivamente por essa “parte da nação ainda desconhecida no continente”. Ele não tinha nada além de desprezo pelas classes médias inglesas, que consideravam o egoísmo como a única força que unia a humanidade, e esse julgamento foi confirmado por um retrato da Inglaterra que acabara de ser apresentado por um autor ilustre. Engels reconheceu Carlyle como o único homem culto da Inglaterra que estava realmente preocupado com os problemas morais da sociedade em que vivia. Ele ficou profundamente emocionado ao ler as palavras com as quais “o grande rapsodista” descrevia o estado lamentável da Inglaterra e enfatizava que as coisas não podiam permanecer como estavam. A condenação de Carlyle à futilidade de seu tempo e à corrupção de todas as instituições sociais foi aplaudida em alto e bom som por Engels em seu belo ensaio no *Past and Present*. Mas não considerou suficientes as propostas práticas de Carlyle. Achou incrível que um escritor tão ousado pudesse condenar impiedosamente o sistema de concorrência aberta e ainda assim não se dar conta de que a propriedade privada era a raiz de todo o mal.

Mais ou menos nessa época, Engels escreveu seu “Esboço de uma crítica da economia política” – um trabalho ainda mais ousado e brilhante do que seu ensaio sobre Carlyle. Ele ficou terrivelmente impressionado ao ver que, na metrópole industrial do mundo, a produção estava crescendo a um nível surpreendente por meio de invenções mecânicas, enquanto as massas ainda eram arrasadas pela pobreza por não poderem obter ou consumir os produtos de seu próprio trabalho. Carlyle chamara isso de maldição de Midas. Assim que Engels compreendeu todo o absurdo do paradoxo, começou, como de costume, a procurar

precursores e companheiros da mesma linha de pensamento – ele poderia aprender com os primeiros e discutir com os segundos sobre como o mal poderia ser extirpado. Ficou muito emocionado ao descobrir que “o mecanismo irracional e insensível da concorrência aberta” foi divinizado por Adam Smith e por toda a escola clássica de economistas, e que a burguesia inglesa considerava o sistema de propriedade privada necessário e indestrutível. É mais uma prova da coragem de Engels, que, aos 23 anos, tenha se aventurado a fazer um ataque independente aos economistas políticos e procurado usar o método dialético para expor as teorias deles como um tecido de contradições. Ele se voltou com uma paixão especial ao ataque da teoria malthusiana da população como uma “blasfêmia hedionda contra a natureza e a humanidade” – cujo propósito era fazer com que os homens aceitassem como lei da natureza as consequências da estrutura defeituosa da sociedade.

Esses dois ensaios são os primeiros a mostrar o gênio histórico de Engels totalmente desenvolvido; e são os primeiros trabalhos que ele publicou em seu nome. Durante sua estadia na Inglaterra, adquiriu uma profunda compreensão da relação entre as classes e o Estado, um conhecimento especializado das consequências sociais da revolução industrial e uma percepção aguda das tendências do desenvolvimento capitalista. Nessa época, dificilmente haveria alguém no continente capaz de igualar sua compreensão desses problemas; fora da Inglaterra, esses desenvolvimentos eram lentos. A essa altura, Engels havia escolhido sua carreira. Sabia a tarefa à qual sua vida seria dedicada. Estava na hora de conhecer aquele homem ainda maior do que ele ao lado de quem lutaria.



Engels por L. Kuznetzov, 1961.